

DOMINGO VI DO TEMPO COMUM

CIC 1820: a esperança cristã desenvolve-se no anúncio das bem-aventuranças

1820 A esperança cristã manifesta-se, desde o princípio da pregação de Jesus, no anúncio das bem-aventuranças. As *bem-aventuranças* elevam a nossa esperança para o céu, como nova terra prometida e traçam-lhe o caminho através das provações que aguardam os discípulos de Jesus. Mas, pelos méritos do mesmo Jesus Cristo e da sua paixão, Deus guarda-nos na «esperança que não engana» (*Rm* 5, 5). A esperança é «a âncora da alma», inabalável e segura, «que penetra [...] onde entrou Jesus como nosso precursor» (*Heb* 6, 19-20). É também uma arma que nos protege no combate da salvação: «Revistamo-nos com a couraça da fé e da caridade, com o capacete da esperança da salvação» (*1 Ts* 5, 8). Proporcionamos alegria, mesmo no meio da provação: «alegres na esperança, pacientes na tribulação» (*Rm* 12, 12). Exprime-se e nutre-se na oração, particularmente na oração do Pai-Nosso, resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar.

CIC 2544-2547: a pobreza de coração; o Senhor sofre com os ricos

2544 Jesus impõe aos seus discípulos que O prefiram a tudo e a todos e propõe-lhes que renunciem a todos os seus bens¹ por causa d'Ele e do Evangelho². Pouco antes da sua paixão, deu-lhes o exemplo da pobre viúva de Jerusalém que, da sua penúria, deu tudo o que tinha para viver³. O preceito do desapego das riquezas é obrigatório para entrar no Reino dos céus.

2545 Todos os fiéis de Cristo devem «ordenar rectamente os próprios afectos, para não serem impedidos de avançar na perfeição da caridade pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas, em oposição ao espírito de pobreza evangélica»⁴.

2546 «Bem-aventurados os pobres em espírito» (*Mt* 5, 3). As bem-aventuranças revelam uma ordem de felicidade e de graça, de beleza e de paz. Jesus celebra a alegria dos pobres, aos quais o Reino pertence desde já⁵:

«O Verbo chama “pobreza em espírito” à humildade voluntária do espírito humano e à sua renúncia; e o Apóstolo dá-nos como exemplo a pobreza de Deus, quando diz: «Ele fez-Se pobre por nós (*2 Cor* 8, 9)»⁶.

¹ Cf. *Lc* 14, 33.

² Cf. *Mc* 8, 35.

³ Cf. *Lc* 21, 4.

⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42: AAS 57 (1965) 49.

⁵ Cf. *Lc* 6, 20.

⁶ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *De beatitudinibus*, oratio 1: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER, v. 7/2 (Leiden 1992) p. 83 (PG 44, 1200).

2547 O Senhor lamenta-Se dos ricos, porque eles encontram a sua consolação na abundância de bens⁷. «O orgulhoso procura o poder terreno, ao passo que o pobre em espírito procura o Reino dos céus»⁸. O abandono à providência do Pai do céu liberta da preocupação pelo amanhã. A confiança em Deus dispõe para a bem-aventurança dos pobres⁹. Eles verão a Deus.

CIC 655, 989-991, 1002-1003: a esperança na Ressurreição

655 Finalmente, a ressurreição de Cristo – e o próprio Cristo Ressuscitado – é princípio e fonte da *nossa ressurreição futura*: «Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram [...]. Do mesmo modo que em Adão todos morreram, assim também em Cristo serão todos restituídos à vida» (1 Cor 15, 20-22). Na expectativa de que isto se realize, Cristo Ressuscitado vive no coração dos seus fiéis. N'Ele, os cristãos «saboreiam os prodígios do mundo vindouro» (Heb 6, 5) e a sua vida é atraída por Cristo para o seio da vida divina¹⁰, «para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles» (2 Cor 5, 15).

989 Nós cremos e esperamos firmemente que, tal como Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos e vive para sempre, assim também os justos, depois da morte, viverão para sempre com Cristo ressuscitado, e que Ele os ressuscitará no último dia¹¹. Tal como a d'Ele, também a nossa ressurreição será obra da Santíssima Trindade:

«Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós» (Rm 8, 11)¹².

990 A palavra «carne» designa o homem na sua condição de fraqueza e mortalidade¹³. «Ressurreição da carne» significa que, depois da morte, não haverá somente a vida da alma imortal, mas também os nossos «corpos mortais» (Rm 8, 11) retomarão a vida.

991 Crer na ressurreição dos mortos foi, desde o princípio, um elemento essencial da fé cristã. «A ressurreição dos mortos é a fé dos cristãos: é por crer nela que somos cristãos»¹⁴:

«Como é que alguns de entre vós dizem que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé. [...] Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram» (1 Cor 15, 12-14.20).

1002 Se é verdade que Cristo nos há-de ressuscitar «no último dia», também é verdade que, de certo modo, nós já ressuscitámos com Cristo. De facto, graças

⁷ Cf. Lc 6, 24.

⁸ SANTO AGOSTINHO, *De sermone Domini in monte*, 1, 1, 3: CCL 35, 4 (PL 34, 1232).

⁹ Cf. Mt 6, 25-34.

¹⁰ Cf. Cl 3, 1-3.

¹¹ Cf. Jo 6, 39-40.

¹² Cf. 1 Ts 4, 14; 1 Cor 6, 14; 2 Cor 4, 14; Fl 3, 10-11.

¹³ Cf. Gn 6, 3; Sl 56, 5; Is 40, 6.

¹⁴ TERTULIANO, *De resurrectione mortuorum* 1, 1: CCL 2, 921 (PL 2, 841).

ao Espírito Santo, a vida cristã é desde já, na terra, uma participação na morte e ressurreição de Cristo:

«Pelo Baptismo fostes sepultados com Cristo e também ressuscitastes com Ele, devido à fé que tivestes na força de Deus, que O ressuscitou dos mortos [...]. Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do Alto, onde Cristo Se encontra sentado à direita de Deus» (*Cl 2, 12; 3, 1*).

1003 Unidos a Cristo pelo Baptismo, os crentes participam já realmente na vida celeste de Cristo ressuscitado¹⁵. Mas esta vida continua «escondida com Cristo em Deus» (*Cl 3, 3*). «Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus, em Cristo Jesus» (*Ef 2, 6*). Alimentados pelo seu Corpo na Eucaristia, nós pertencemos já ao Corpo de Cristo. Quando ressuscitarmos no último dia, havemos também de nos «manifestar com Ele na glória» (*Cl 3, 4*).

¹⁵ Cf. *Fl 3, 20*.